

O SAGRADO E O PROFANO

HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1987

Rogério Fernandes, *Bernardino Machado e os problemas da Instrução Pública*, Biblioteca do Educador Profissional, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, 224 pp.

1. Bernardino Machado (1851-1944), o insigne professor da Faculdade de Filosofia (Filosofia Natural, entenda-se) da Universidade de Coimbra, o eminente cientista, o notável pedagogo, o militante republicano que a «Revolução Nacional» veio apear da Presidência da República, exilar e até demitir da situação de professor jubilado, é estudado neste livro de Rogério Fernandes, inserido na Biblioteca do Educador Profissional dirigida por Rui Grácio. Trata-se propriamente de um estudo de História da Educação ou de um discurso analítico sobre a reflexão e a prática de Bernardino Machado em relação aos problemas da Instrução Pública portuguesa?

Suponho que a segunda alternativa está mais próxima da verdade. Eu distingo já os conceitos para evitar mal-entendidos: penso que a História da Educação — e neste caso, mais estritamente, a história das ideias de um pedagogo sobre a Instrução — não pode limitar-se à simples analítica do pensamento, mas terá de integrar este no emaranhado de questões que uma época supõe. Quero dizer que, no caso concreto, não é possível conhecer, em toda a sua extensão e profundidade, as ideias de Bernardino Machado sobre a Instrução sem estudar as lutas complexas da Monarquia em crise, sem conhecer as realidades sociais, políticas, institucionais e culturais desse tempo, sem debruçar-se sobre o fértil debate que então se verificou — prolongando-se pela 1.^a República — relativamente aos problemas da Educação, sem integrar as ideias de Bernardino Machado no contexto de um pensamento pedagógico republicano que em parte o ultrapassa... Ora, na realidade, o texto de Rogério Fernandes não percorre com suficiente agudeza esses meandros. Procura sobretudo descrever com rigor *o que pensa* Bernardino Machado sobre as grandes questões da Educação e das respectivas instituições. Com isto é minha intenção desvalorizar o, livro de Rogério Fernandes, que tanto tem contribuído para a estruturação científica da História da Educação? De forma alguma. O que pretendo dizer é que assim como a obra de Ferreira Gomes é um importante contributo para o estudo da Mulher na Universidade de Coimbra, sem pretender ser um estudo de história e de sociologia da Mulher na Universidade de Coimbra, também o livro de Rogério Fernandes é uma significativa contribuição para a história do pensamento pedagógico de Bernardino Machado e do pensamento pedagógico republicano

Recensões

sem, no entanto, se poder considerar um estudo de história (em termos de «história social») sobre o tema.

2. É, pois, fundamental o conhecimento desta obra que procura analisar, a par e passo, o pensamento de Bernardino Machado sobre os problemas da Instrução Pública, porque realmente o Professor de Coimbra teve, talvez melhor do que ninguém no seu tempo, uma consciência perfeita de algumas questões que se debatiam e que ainda hoje são do maior significado, devendo no entanto ter na devida conta a diferença de coordenadas históricas.

O ensino era para Bernardino Machado «por natureza, acima de tudo, político». Esta afirmação, que não pode ser entendida numa perspectiva «partidária», ainda hoje escandalizaria muitos intelectuais e pedagogos. É, por assim dizer, uma concepção basilar que vai marcar, no essencial, toda a metodologia de análise das questões pedagógicas de Bernardino Machado. Para ele, ser «bom professor» supõe ser «bom cidadão», isto é, ter um conhecimento integral das questões sociais, e uma prática consequente, sendo a escola uma «instituição política», ou seja, uma instituição que tem em conta o processo de desenvolvimento social. É por isso que, numa afirmação militante, Bernardino Machado diz: «Sou antigo soldado desta campanha. Pugnei sempre pela tripla causa, da criança, do povo e da mulher».

Na verdade, o professor universitário Bernardino Machado, que não fez do Paço das Escolas uma cidadela, conferiu ao ensino primário e à educação da criança uma importância fundamental, considerou o ensino profissional como uma das áreas mais importantes da formação social, lutou pelo ensino das mulheres, procurou abrir a Escola (desde a primária à Universidade) ao Povo. Nesta luta polifacetada teve de se debater com um problema complexo e que gerava necessariamente posições aparentemente contraditórias, a questão da interferência do Estado no ensino. De resto, este é um dos problemas que preocupou os liberais desde a primeira hora. Bernardino Machado, se se bate, por um lado, pelo «ensino público», contra os privilégios e a força do ensino particular, dominado sobretudo pela Igreja, também se torna, por outro lado, um defensor da liberdade, lutando pela formação de associações cooperativas de ensino.

Uma das questões que abordou também com grande calor, como não poderia deixar de ser, foi a da Universidade. O grande problema que se colocava então — e que é também uma questão discutida desde o Iluminismo — é o da exis-

tência em Portugal da Universidade única, que mantinha o monopólio do ensino superior, ao mesmo tempo que não conseguia, por razões internas e de centralização, uma reforma eficaz. Por isso ele fala dramaticamente da «tão venerada como abandonada Coimbra». E, assim, o Professor de Filosofia atacava o imobilismo que a Escola de Coimbra representava, sobretudo através da sua Faculdade de Direito, e surpreendia-se pelo facto de não se institucionalizar nela uma Faculdade de Letras. A sua consciência «interdisciplinar», que tinha particular acentuação no cientismo positivista, e a sua posição contra o formalismo jurídico, que, numa acepção de «conflito de faculdades», vinha sendo assumida de forma revolucionária desde o pensamento iluminista, são, pois, duas notas fundamentais da consciência cultural de Bernardino Machado. Mas a sua significativa reflexão sobre a Universidade, que foi exposta nomeadamente no início do ano lectivo de 1904-1905 numa célebre oração de sapiência, em termos de crítica aguda ao seu modo de funcionamento pedagógico-científico e à sua estrutura institucional, não é a única no contexto da Escola. De igual modo representativas são as posições assumidas por Sidónio Pais e Sobral Cid. Daí a necessidade que há em analisar também os seus discursos para entender de forma global e integrada a luta de Bernardino Machado, que ultrapassa o período republicano, chegando até ao «Estado Novo», altura em que a Faculdade de Direito lhe aparecia como sustentáculo teórico do regime.

Em conclusão, a obra de Rogério Fernandes dá-nos conta, nos seus diversos aspectos, do pensamento combativo de Bernardino Machado em matéria de ensino, as suas concepções democráticas de educação, as suas ideias de uma pedagogia moderna e de uma «escola aberta». Mesmo que se entenda tratar-se de um trabalho para continuar — e Rogério Fernandes, que (entre outros estudos) já noutro livro analisou o pensamento de outro educador republicano, João de Barros, está apto a realizá-lo e não deixará por certo de o fazer — é indubitável que é uma obra que merece ser saudada, dois anos depois de ter sido publicada. Sobretudo numa hora em que os estudos de História da Educação parece conhecerem em Portugal uma fase de expansão e de organização científica, ultrapassando o positivismo historiográfico ou a fase de reflexão militante.

Luis Reis Tor gal